

REPRESENTAÇÃO E USO DAS IMAGENS DE MULHERES NEGRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: UMA ANÁLISE REALIZADA NA ESCOLA ESTADUAL ADOLFO BEZERRA DE MENEZES – ARAGUAÍNA/TOCANTINS

Marina Grigório Barbosa de Sousa¹
Andressa Barros da Luz²

165

Resumo: O presente artigo, partiu da perspectiva de análise da importância das práticas e ações para o processo de revitalização cultural e as contribuições dos livros didáticos na vida das mulheres negras. A inquietação desta pesquisa partiu da busca por verificar de que modo as mulheres negras vêm sendo representadas nos livros didáticos de História e como essas representações sugerem abordagens do tema na educação especialmente na disciplina de História. Além do fato de que se faz necessário adentrar as discussões sobre raça/etnia e a investigação da presença da mulher negra nesses específicos livros. Para elaboração da pesquisa foram utilizados livros didáticos que vem sendo utilizado em salas de aula na Escola Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, localizada em Araguaína - Tocantins e entrevista com professoras responsáveis pela disciplina de História nesse campo de investigação. Contudo, a ideia deste trabalho não é ao descarte do livro, mas de que maneira sua crítica e reflexão possam ser incorporadas positivamente no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Mulheres negras. Livro Didático. Ensino de História. Imagens.

Abstract: The present article, started from the perspective of analyzing the importance of practices and actions for the process of cultural revitalization and the contributions of textbooks in the life of black women. The concern of this research was based on the search to verify how black women have been represented in the didactic books of History and how these representations suggest

¹ Professora Associada do Colegiado de História da Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína. Mestre em Educação pelo PPGE da Universidade Federal do Tocantins. Especialista em História Cultural – Imaginário, Identidades e Narrativas, pela Universidade Federal de Goiás. Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Ciências Sócio Econômico e Humanas – UnUSEH. E-mail marinagrigo@mail.uft.edu.br

² Historiadora Bacharel pela Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína. E-mail andressabarros087@gmail.com

Recebido em 20/05/2019
Aprovado em 11/17/2019

approaches of the subject in the education especially in the discipline of History. Besides the fact that it is necessary to enter the discussions on race / ethnicity and the investigation of the presence of black women in these specific books. For the elaboration of the research were used textbooks that has been used in classrooms in the State School Adolfo Bezerra de Menezes, located in Araguaína - Tocantins and interview with teachers responsible for the discipline of History in this field of investigation. However, the idea of this work is not the discarding of the book, but in what way its criticism and reflection can be incorporated positively in the school routine.

Keywords: Black women. Textbook. Teaching History. Images.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho parte de uma inquietação pessoal, onde a partir de sua problematização, possa ser cada vez mais diluída e posta à reflexão dentro da academia e em sua prática no Ensino de História. Buscando analisar um complexo de construção do imaginário relacionado às mulheres brasileiras – em específico as negras, de forma a compreender o uso de imagem representada nos livros didáticos para construção de processo histórico, e se foram devidamente narradas toda a trajetória de luta por direitos emancipatórios. A priori, o que se verifica é a manutenção de práticas excludentes na maneira que essas mulheres vêm sendo estereotipadas nos materiais didáticos. Dessa forma, a pesquisa buscará compreender por parte dos educadores se eles estão preparados para mediar e criticar tais materiais didáticos, e como a partir desse fator buscar romper com a idealização dos papéis de gênero e os preconceitos raciais a tanto tempo prevaletentes no ideário social.

Pesquisar sobre o assunto nos chama atenção por compreender que é na escola onde damos os primeiros passos para o conhecimento, como diz Bourdieu e Passeron (1992) em sua obra *A reprodução*, a escola é um local, uma instituição que reproduz a sociedade e seus valores que efetiva e legaliza as desigualdades em todos os aspectos pois é na escola que o legado econômico da família transforma-se em capital cultural. E o livro didático é uma peça fundamental para isso. O fato do livro didático não mencionar a participação dessas mulheres enquanto guerreiras e preventoras no processo de libertação dos escravos, e como cotidianamente estão presentes em momentos específicos pela luta e existência na Historiografia do nosso país, é o mesmo que querer propagar a imagem de uma mulher negra invisibilizada, silenciada.

Para Mesquita & Schiavon (2013) nos apresentam que as ideias de feminino entre livros didáticos não fogem à regra da dicotomia entre público/privado. Esta ideia apresenta a diversidade que nas discursões de gênero se explicitam, sendo ainda assim uma reprodução do estereótipo dessa dualidade, na qual o papel do homem destina-se a ocupar os espaços públicos, enquanto o da mulher os privados. O agravante do recorte racial minimiza, ainda mais, a visibilidade da mulher negra, que na história tradicional é lembrada apenas no período escravista³.

Percebe-se então o qual corriqueiro é analisar livros didáticos e nos deparar com signos, expressões e até mesmo ilustrações que reproduzem e reforçam a visão de uma sociedade elitista e excludente, que tenta mascarar as contradições sociais e os conflitos de classe e desprezar o papel das minorias sociais, tais como mulheres índias e negras nos processos históricos. Referente a essa análise Cultural, o autor Elias Thomé Saliba destaca,

[...] Mostrar um fato ou um homem é fazer com que isto tenha existência, mas o reverso é o apagamento dos outros, o aniquilamento social daquilo que se escolhe não mostrar. O problema é que tudo isto é convencionalmente um “efeito de realidade”. (SALIBA, 2001, p. 121)

Esse efeito de realidade apontado acima pelo autor, onde comparado com a História Cultural, é o que nos leva a questionar a existência das estruturas sociais como um real em si mesmo, enquanto as representações são apenas seus reflexos e, por outro lado às práticas que, pluralmente e contraditoriamente atribuem sentidos ao mundo, rompendo assim com a ideia de que os textos possuem um sentido intrínseco (CHARTIER, 1990, p. 27).

O presente artigo, resultante de um trabalho de conclusão de curso, buscou como finalidade o estudo de como a mulher negra é apresentada e representada nos livros didáticos e paradidáticos de história do Brasil. Durante o desenvolvimento desta pesquisa, optou-se por selecionar e compreender quais os livros adotados pelos professores da escola de rede pública/estadual de ensino da 5^o a 9^o (Fundamental 2^a fase) do colégio Estadual Adolfo Bezerra de Menezes na cidade de Araguaína – Tocantins, além de dialogar com uma das professoras regente e perceber suas impressões sobre o livro didático adotado pela escola em análise. Os livros, considerados manuais

³ Ver mais em: MESQUITA, N. G.; SCHIAVON, C. G. B. Análise das representações de negros e negras. Identidade: São Leopoldo. v. 18 n. 3, ed. esp. p. 334-344. dez. 2013. | ISSN 2178-0437X.

didáticos do professor referente aos anos 2017 e 2019 e que abordam temáticas históricas nas quais a mulher negra esteve estigmatizada somente como a mulata escrava.

Não precisa-se delimitar o campo de discussão e nem quem, dentro desse contexto de símbolos e personificação de resistência negra, possam ou não ser evidenciado em sala de aula. O que este trabalho buscou enfatizar é como a partir dessa problematização, a ressignificação do papel da mulher negra seja constantemente construída e refletida para se estabelecer sempre uma positiva imagem deste segmento no cotidiano escolar e que possam cada vez mais enriquecer esse constante debate.

(In) Visibilidade das Mulheres Negras no livro didático

Ao ressaltar a visibilidade e inclusão das mulheres negras nos livros didáticos, nos deparamos com o questionamento de quais reflexos esse protagonismo pode vir a proporcionar e como esse debate por vir a se tornar positivo em sala de aula. Nesse sentido destaca-se o questionamento: Qual a importância e necessidade de fazer valer a presença da vida dessas mulheres na história de grupos humanos que participam diretamente da formação do nosso país? Em relação a esse questionamento enquanto problemática para esta pesquisa, Professora Telma Barbosa comenta,

Os livros didáticos podem até trazer fotos. Mas um livro didático que traga a imagem e trajetória de Dandara dos Palmares; que traga outras personalidades negras como protagonista da História – isso não tem. E isso só me remete as fotos que eu já vi nos livros representando características das mulheres africanas. As mulheres negras não são trabalhadas e desenvolvidas como é pra ser. (BARBOSA, T. S. S, 2018).

Observa-se que até hoje não existe uma disciplina específica que aborde essa questão, ou de forma crítica e positiva o tema de África, para assim falar de Negros não somente quando for falar de escravidão e sim abordar suas origens étnicas e culturais. Por isso praticamente se ignora o tema nos estudos de história geral.

O ambiente escolar saudável aos alunos é o que promove uma postura transformadora, e pensar a função social da escola é,

[...] Portanto, refletir de forma posicionada política e ideologicamente, diante do que esta instituição faz ou deixa de fazer, do por que, para quem, quando e como faz. (POSSAMAI, 2014 p. 11).

Precisa-se, enquanto educadores (as), trabalhar, fatos, conceitos e a formação do cidadão que possa atuar com autonomia na construção de uma sociedade mais igualitária. Portanto é necessário levantarmos a bandeira de combate ao racismo e as discriminações que atingem em particular a população negra afro-brasileira e seus descendentes.

Incluir nos conteúdos escolares a luta dos negros no Brasil no pós-abolição simboliza um resgate pertinente e necessário a ser inserido na História do Brasil, refletindo a busca por emancipação da visão eurocêntrica da identidade brasileira. Somado a ausência de conteúdo, a deficitária formação dos professores que estão em atuação contribui para que os alunos construam uma visão estereotipada sobre este povo.

Percebemos que,

Para efetivar a lei, não é tarefa só dos professores, mas sim de toda a escola, de todas as disciplinas, não apenas como um projeto, como em datas comemorativas, mas sim em todo o decorrer do ano letivo, pois é preciso que se recupere o orgulho de ser negro, de buscar uma pedagogia de autoestima. Devem os professores, ao tratar a História da África e da presença negra no Brasil, fazer abordagens positivas, claro que não deixando de mostrar todo o sofrimento dos negros, mas principalmente salientando as várias lutas de resistência compreendidas por eles. (SANTOS, 2018, p. 2)

Partindo dessa concepção, entende-se que um estudo de História da África que seja eficaz para se praticar nas escolas, pressupõe ser necessário adotar a interdisciplinaridade para favorecer a consciência da identidade brasileira que foi formulada a partir do negro e do índio. Desconstruir o preconceito e discriminação praticada contra essas etnias no contexto escolar seria levar em consideração a questão da identidade, diferença, estereótipo, pois são conceitos que de certa forma estão interligados não só com a disciplina de História e sim num contexto multidisciplinar.

O Brasil adiou ao máximo o dever legal de libertar os africanos e seus descendentes escravizados, e sendo reconhecido também o legado de ser a última nação Latino Americana a estabelecer o seu processo de abolição. Esse processo prejudica os alforriados na busca e garantia de direitos fundamentais, processo que se estende desde o fim do século XIX e início do século XX, quando intelectuais buscam consolidar o “mito da democracia racial”⁴.

⁴A “democracia racial”, no Brasil, foi mais um mito que uma realidade, ainda que o poder desse mito fosse significativo. A imagem de tolerância e de mobilidade social encorajou a quietude dos negros, deixando-os na base da pirâmide social sem reações de grande impacto. [...] Foi o “maior inimigo” e o impedimento para a formação da identidade e da mobilização. (MARX, 1997, p. 161- 164).

No que se refere às mulheres negras, no que tange esse contexto social, foram agentes sociais que desde esse processo lutam e buscam emancipação para que lhes sejam garantidos crenças, valores e direitos reconhecidos perante a sociedade.

E parte dessa busca por emancipação parte do processo de relacionar história da identidade brasileira com o contexto africano, ou seja, compreender que negras africanas trouxeram para o Brasil nesta transição suas tradições, costumes, religiões e assim contribuíram para a construção cultural afro-descendente: daí a importância de estudar o cotidiano e vivências dessas mulheres desde sua realidade africana até o momento do tráfico transatlântico e estabelecimento forçado delas no Brasil, a ponto de estabelecer o vínculo histórico entre esses dois países.

Pensando nisso, o seguinte questionamento pode ser levantado: Em relação a conteúdo, como centrar o estudo da mulher negra no Ensino de História no Ensino Básico? E de que modo elas vem sendo representadas nesses livros? Ensinares somente as diferenças culturais? E enquanto as lutas em busca por alforria? E depois de estabelecido a abolição? Ficam as incertezas do que devem ser ensinados e os desafios para promover o ensino da diversidade cultural da África e de seus remanescentes.

Buscando compreender um pouco esses questionamentos, se faz necessário,

Estudar a África como um todo para entender, por exemplo, que o estudo da História da África nos períodos recuados não se reduz ao estudo da escravidão. [...] Se a história da África é importante para nos situar no mundo, outras faces de sua história nos revelam partes indispensáveis de nossa própria formação histórica. (PANTOJA, 2004, p. 18).

O que se faz importante é buscar relacionar uma contextualização desde a pré-história até a contemporaneidade. Dessa forma, o conhecimento adequado desse conteúdo vai representar um relacionamento que justifica a ideia de uma permanência inalterada de determinados traços culturais africanos entre nós com sua significação original.

Tratando então de educação e ensino que busque promoção de temas raciais, o artigo da autora Nilma Lino Gomes “*educação cidadã, etnia e raça*” (2001) remete-nos a um tema clássico e atual. Discutem-se aspectos importantes da escola brasileira como uma preocupação central: o tratamento que a escola tem dado à cultura de tradição africana. Evidencia também a necessidade de questionamento acerca da importância da questão racial na nossa prática pedagógica, bem como nas políticas educacionais.

Essa prática pedagógica que a autora discute tende a destacar os conceitos que já foram destacados e apresentados pelo livro didático no que tange os assuntos étnico-raciais, fazendo assim uma análise crítica dos mesmos, buscando compreender que o processo histórico assim como a produção do conhecimento histórico é fundamental na perspectiva do ensino voltado para a reflexão da própria história.

Conforme assinala Fonseca:

É necessário conseguir que os alunos realizem, a partir de elementos levantados para o exame de uma determinada realidade histórica, algum trabalho de reflexão sobre esta realidade e a compreensão da forma como este conhecimento foi construído (FONSECA, 1990, p. 199).

Reconhecer os diversos materiais didáticos como objeto de estudo, são vastas as reflexões apresentadas pelo livro didático no que concerne o significado da utilização do mesmo e, também, na análise dos seus conteúdos. Percebe-se também que apesar das mudanças e conquistas, principalmente no que diz respeito à democratização, o livro didático ainda representa um conhecimento impositivo, ou seja, impõem-se fatos e explicações.

Refletir a prática pedagógica pode ser também afirmar que a História é uma experiência que precisa ser também concretizada no cotidiano, porque sem dúvida nenhuma é a partir dela que o hoje e o amanhã serão alicerçados. Outra perspectiva de análise que temos considerados a partir desta pesquisa é como que a didática do professor interfere de certa forma no processo ensino-aprendizagem. Como destacado anteriormente pela professora Telma, que as mulheres negras não são trabalhadas e desenvolvidas como é pra ser. Diante desta triste realidade, percebemos que, sem mais demora, é de fundamental importância repensar o ensino de história, a começar pelo livro didático.

E em relação aos diversos indivíduos representados nos livros didáticos,

A importância dada aos grandes personagens que “fizeram” a História é notória. Não há menções a práticas cotidianas e nem muito menos culturais, não se recorre ao imaginário das pessoas e da sociedade. [...] Há uma precariedade enorme no que se diz respeito à explicação dos conteúdos e todas as informações são meramente “jogada” ao aluno, o que vem causar certo desinteresse por parte da maioria deles. (MIRANDA; LUCA. 2004. p. 5).

Dessa maneira, o livro didático por ser um produto, talvez possa parecer que instituir conteúdos obrigatórios por meio de uma legislação seja um procedimento um tanto arbitrário. O processo que levou a promulgação da lei nº 10.639/13 decorreu de pressões populares de vários segmentos da sociedade – principalmente do Movimento Negro em suas múltiplas representações, que legitimamente exigem um tratamento de sua história e cultura à altura da importância dos negros para a construção da nação brasileira.

Diante deste contexto é importante ressaltarmos a importância da inclusão do tema que envolve essa pesquisa no livro didático, ou seja, a importância de se representar e narrar trajetórias de vidas das mulheres negras como inspiração para quem tem interesse em se espelhar nelas.

A identidade e resistência da mulher negra brasileira na sociedade escravista

Abordar a temática de mulheres negras em uma perspectiva histórica não tem como destacar senão o assunto da escravidão, até porque sua história começa com esse período a partir da passagem transatlântica dos negros africanos vindos para a América e outras regiões continentais.

Até a abolição, o negro não existia enquanto indivíduo em terras brasileiras. E essa reflexão é de fundamental importância quando pensamos na participação da mulher negra, que desde os períodos coloniais, é explorada, violentada e desvalorizada esteticamente. É muito comum ouvirmos falar que o racismo contra a mulher negra não existe no Brasil a imagens das mulheres negras é algo que se agravou no conhecimento histórico a respeito de que grande parte da sua história foi contada de forma radicalizada.

Pedimos destaque ao trecho da música a seguir:

Enquanto o couro do chicote cortava a carne/ A dor metabolizada fortificava o caráter/ A colônia produziu muito mais que cativos/ Fez heroínas que pra não gerar escravos matavam os filhos/ Não fomos vencidas pela anulação social/ Sobrevivemos à ausência na novela, no comercial/ O sistema pode até me transformar em empregada/ Mas não pode me fazer raciocinar como criada.
(Trecho da música **Mulheres Negras** / Compositor: Eduardo/ Fação Central).

O trecho da música acima busca fazer uma análise crítica de representatividade aos dias atuais, uma crítica clara ao sistema midiático de representação. O rap nacional enquanto ferramenta de denúncia social no Brasil, mesmo não sendo tão evidenciado nos livros didáticos, possibilita aos

professores e educandos a oportunidade de conhecimento da subalternidade que as mulheres negras sempre são postas nas televisões e propagandas.

O tratamento criminoso e desumano dispensado ao negro atingiu proporções arrepiantes em toda parte do Brasil. As relações de senhores e senhoras proprietários de escravos para um cativo insubordinado eram as mais variadas, desde um açoite até uma amputação de órgão. Em relação às mulheres negras, existiam aquelas que eram protegidas do seu senhor ou senhora, com pequenos privilégios e regalias, tornando-se um ser passivo nas mãos do branco. Serviam de confidentes e adultério, além de babás que desempenhavam as funções de amas-de-leite. E essa era apenas uma pequena exceção no cenário macabro da escravidão Brasileira.

A resistência sempre esteve presente na vida das mulheres negras, seja no cotidiano de trabalho ou nas lutas e fugas. Essa resistência ocorria devido ao fato dessas mulheres negras escravizadas trazidas das terras do continente Africano ser sobrecarregadas pelos mais diversos serviços – domésticos e no campo, e também pelos constantes abusos sexuais praticados contra elas.

Emudecidas contra essa violência rotineira, um ato de resistência podia por vezes ocorrer. Uma das comuns formas de resistências usadas por essas negras cativas no período colonial era a prática do aborto, que para muitas eram uma forma de livrar seus filhos de todo o sofrimento proporcionado pela escravidão. Já para outras, o aborto representava uma forma de renúncia mão-de-obra escravizada, pois quanto mais abortassem menos seriam as chances de mais negros escravizados, sem contar que muitos dos casos os filhos eram frutos de violência sexual.

A recusa em dar luz à essas crianças, sabendo assim do destino que a elas estava preterido, foi uma das medidas de resistência ao sistema escravista colonial brasileiro, onde a mulher negra não só se arriscou sem pensar em sua própria saúde, como também de certa forma compromete a proteção dos demais cativos.

A sociedade escravista, como nos aponta Maria da Penha Silva (2010), foi palco de lutas, resistência, onde a submissão e obediência camuflavam estratégias de resistências que garantiam a sobrevivência tanto das mulheres quanto dos homens negros. Os efeitos causados pela escravidão foram totalmente diferentes comparando-os sobre os homens e mulheres. A escravidão para a mulher negra, como observamos representou além dos sofrimentos comuns aos homens, uma força de resistência contra o sistema escravista.

Outra forma de resistência que é válido ressaltar é a maneira que mulheres negras libertas lidavam com o comércio como um meio de sobrevivência e sustento a família, como podemos conferir na imagem que segue:

Imagem 01: Emil Bauch, Cenas de Costumes (1858)



Fonte: Emil Bauch, Cenas de Costumes, 1858. Óleo sobre tela, 49,8 x 60,4 cm. MOCELLIN, R. CAMARGO, R. Projeto Apoema História 7º ano. 2. ed. – São Paulo: Editora do Brasil, 2015. p. 185.

A imagem representada acima é descrita com a seguinte legenda no livro didático do 8º ano (Mocellin & Camargo, 2015): “A emancipação política não alterou as estruturas sociais vigentes – a escravidão persistia. Observe na imagem que os afrodescendentes, apesar da escravidão, procuravam manter seus valores, contribuindo muito para a pluralidade cultural dos diferentes grupos sociais que conviviam no Brasil” (pg. 185). Por mais que a descrição comente sobre pluralidade cultural, ela não é de forma alguma representada na imagem. Os negros e negras evidenciados representam papéis de subalternidade, estigma comuns retratados ao longo da coleção, mencionando-os principalmente a temas interligados à escravidão.

Na mesma imagem, em relação às mulheres - mesmo que ainda continuavam escravas, representavam as vendas de seus senhores. Dessa forma, abordar o conteúdo da mulher negra num período de opressão como o período escravista é reconhecer que a sua identidade como indivíduo histórico-social vem sendo invisibilizada, enquanto ao mesmo tempo submeteu-se a um papel de resistência dentro do contexto escravocrata – amplo em seus cotidianos de trabalho, conflitos e vivências.

Por isso ao analisar alguns estudos sobre a escravidão, sobretudo aquele que se referem ou estão indiretamente relacionados com manifestações de mulheres negras em relação ao sistema

escravista, preferencialmente os que dizem respeito á resistência ou a maneira de conquistar a liberdade pretende-se destacar a condição particular e específica dessas mulheres, buscando recuperar na interconexão entre escravismo e patriarcado, as estratégias de resistência e as maneiras de como a mulher procurava a liberdade(SILVA, 2010, p. 2-3).

Diante desse contexto, se faz necessário considerar e questionar qual a visão temos sobre a vida das mulheres negras a nossa sociedade e quais impactos tal (in) visibilidade pode proporcionar à nossas educandas. Para a professora Telma,

Eu acredito que infelizmente nós ainda sofremos: Machismo, racismo, sexíssimo e hipersexualização. Nós ainda estamos sob a égide do poder do patriarcado, nós estamos no poder do homem que quer dominar a mulher - do pai que quer dominar a filha né? A mulher tem que ficar subjugada, e para mim, isso já existia! O pior é a mulher não perceber todo esse aspecto, acredito que não só nós mulheres negras, como as outras ainda vivemos sob um aspecto machista e isso é muito preocupante (BARBOSA, T. S. S.)

Por esta perspectiva a mulher negra escravizada, e a apropriação do seu corpo pelo sistema escravista-patriarcal, para o trabalho e como objeto sexual, desencadeou numa desvalorização da mulher negra, refletido na sociedade até o momento atual. Tendo em vista o contexto histórico da luta negra e sua atuação vivenciada na sociedade contemporânea, vale salientar que é a mulher que mais sofre com esse sistema discriminatório e desigual. Ela não sofre apenas por ser negra, mas também pelo simples fato de ser mulher e estar imersa numa sociedade em que o patriarcado impera e impõe diversos padrões, fazendo-a passar por situações no mínimo constrangedoras e privando-a de uma total liberdade perante seu corpo natural.

E no caso da mulher negra, por estar na interseção das discriminações raciais de gênero e de classe social, torna-se maior o risco de não ver respeitada e representada sua identidade pessoal, seu autoconceito e autoestima. Essa desvantagem social vivenciada pela mulher negra no Brasil de hoje, é então fruto dos vestígios sociais e históricos vividos no período da escravidão, e isso precisa ser desconstruído em todos os âmbitos.

Maria da Penha Silva, sugere que:

A preservação cultural das mulheres negras pode ser considerada uma das mais importantes formas de resistência, pois levadas em consideração todas as agressões sofridas por elas, não se pode esquecer que tais violências vão dos castigos físicos ao psicológico. Salientando-se que vindo para o território brasileiro o escravo carrega consigo práticas e hábitos, os quais por imposição

precisam ser deixados de lado, pelo menos é assim que desejam os senhores. Mas, homens e mulheres escravizados, carregaram consigo uma cultura própria, as quais procuraram preservar, pois nem os chicotes, ferro no pescoço, estupro e outras formas de violência foram suficientes para que a resistência ao regime fosse minada. (SILVA, 2010, p. 7)

A autora busca comentar sobre como relatar somente a temática de escravidão e opressão ligando-os ao povo negro afrodescendente pode comprometer o legado cultural deixado por eles, impossibilitando a significância deles enquanto sujeitos históricos.

A partir disso, segundo Nei Lopes em seu livro “*O racismo: explicado aos meus filhos*” (2007), essa assistência desdobrar-se-ia a duas modalidades de [ação afirmativa: defesa e promoção. A defesa constaria de oposição sistemática ao racismo em todas as suas formas, desde a discriminação velada até ao assassinato em massa de jovens negros cotidianamente executados, e também à esterilização criminosa de mulheres negras, como se denunciou nos anos 1980. E a tarefa de promoção seria basicamente a educacional. Seu principal objetivo seria fortalecer a autoestima das crianças negras, limpando o material didático de todo ranço preconceito. Ou seja, o que ele pretende dizer é que me nível mais teórico, sugere-se saídas para a crise pedagógica em que a educação brasileira parece patinar. E isso de modo de que os negros e negras começassem também a falar e serem ouvidos.

A representação imagética das Mulheres Negras nos Livros didáticos de História do Brasil

Buscando ainda observar o tipo de abordagem que os livros didáticos trazem em sua constituição; ou seja, se há neles a formação de imagens da mulher negra especificamente e, uma vez havendo-as, se os livros estudados abrem possibilidades para uma ressignificação de discursos historicamente construídos nos quais as vozes dessas mulheres foram silenciadas. Para compreender esse silenciamento, como já discutido anteriormente, promovemos por meio do uso metodológico da História Oral temática, a interlocução de como essas imagens de mulheres negras vem sendo apresentadas pelos livros didáticos e o ponto de vista de uma professora negra atuante em sala de aula na disciplina de História.

A imagem da guerreira africana capaz de enfrentar todos os problemas na luta por sua sobrevivência e a de seus filhos certamente esteve e está vinculada às mulheres negras ao longo de

sua história tanto na África quanto em outros Países em que escravos africanos foram disseminados. Retratada na sociedade apenas como um ser submisso e dominado pelo homem, tratar de mulher e reconhecimento do seu poder em uma sociedade historicamente machista, sempre será alvo de polêmica.

Para Alves & Maia (2016), o machismo traz consigo o silenciamento das mulheres na história, e esse silenciamento podem ser notados nos mais variados âmbitos, mas principalmente na história e no livro didático. Apesar disto, nos últimos anos, historiadores vêm tentando romper este silenciamento nas perspectivas historiográficas tradicionais, buscando mostrar a presença real da mulher na história. Mas tratar sobre a mulher na história seria fugir da lei do equilíbrio histórico, citado por Michelle Perrot em sua obra “*Os Excluídos da História*”, a lei do equilíbrio histórico seria o poder político apenas nas mãos dos homens, assim como a ordem patriarcal que deve reinar tanto na família quanto no Estado, para que seja mantido assim o equilíbrio histórico. Sendo assim, o matriarcado seria uma completa tragédia rodeada pelo caos, diminuindo assim o papel das mulheres e as apagando de momentos importantes da história (1988, p. 01).

Os passos investigativos desta pesquisa parte do momento em que entrei pro mundo acadêmico e com ele veio a militância voltada para questões específicas como as de gênero e a temática feminista. Em alguns encontros de formação preparatória para a Marcha Mundial das Mulheres (em específico a formação voltada para o Tocantins), foi onde começou minha inquietação direcionada à temática das mulheres negras.

Eram histórias e relatos que ouvia sendo narrados que me faziam questionar e refletir o tempo inteiro como eu nunca havia tido conhecimento sobre isso? Porque que minhas professoras da disciplina de História nunca haviam me falado sobre a resistência de várias mulheres negras (mencionadas por algumas militantes por “heroínas”) durante o meu Ensino Fundamental? Porque eu não tinha visto nada disso abordado no livro didático de História? Ao acompanhar essa militância e com disciplinas específicas como “*História das Mulheres e Gênero*” foi que percebi que o que eu sabia sobre as mulheres negras não estava ligado somente à mulher escrava, mas totalmente relacionado à História e Cultura Afrobrasileira. Desta maneira, essa inquietação foi transformada em objeto de pesquisa e começou-se os primeiros passos trilhados para refletir tais questionamentos.

A escolha do Livro didático de história como fonte de pesquisa, parte do fato dele ser o primeiro livro a se fazer presente na vida de vários alunos e por se tratar de História, porque não abordar a mulher não só como a imagem de “do lar” ou subjulgada (como o que fazem com a mulher negra), para retratarem com a mesma intensidade com que fazem para heroificar os homens enquanto protagonistas de sua própria história.

A imagem das mulheres negras no livro didático de história transcende os discursos que o inscrevem como documento histórico, em seus diversos contextos de idealização, fabricação, disseminação e uso. Com isso, vem se tornando o próprio sujeito de sua historicidade uma vez que carrega, em si, marcos de permanências e rupturas de sistemas e ideários políticos, arroubos de ideologias e discussões nos âmbitos de produção pedagógico, historiográfico, editorial e social. (Mistura & Caimi, 2015, p. 230)

Essas grandes mulheres de renome foram esquecidas pela história e muito raramente são mencionadas no âmbito escolar e no livro didático. Até o presente momento do que já foi destacado, entende-se que tais histórias de luta deveriam ser valorizadas tanto no livro didático quanto na vida das mulheres negras do Brasil – sendo representadas também no contexto escolar.

Para a Professora Telma, ela observa essa questão no ambiente escolar da seguinte forma,

Partindo do ambiente escolar, eu percebi aqui na escola (Adolfo Bezerra de Menezes) quantas são as professoras negras. Eu, professora Denildes, a coordenadora financeira somente. Quando tinha reunião, eu percebia o silenciamento, e me perguntava porque que elas não participam a partir do momento que elas têm a liberdade de falar? Então na nossa sociedade, nas nossas raízes, as mulheres negras quanto mais invisibilizada para ela, melhor! Porque essa invisibilidade parece que ficou naturalizada, porque a mulher negra que se busca seu lugar, tem a sua forma e o seu jeito hostilizado pela sociedade. Então eu percebo que nós ainda não temos essa fração de representatividade e por isso sofremos com essa discriminação dentro da sociedade (BARBOSA, T. S. S, 2018).

Diante desta fala, chamamos atenção para o fato que ela aponta como silenciamento, e rompê-lo enquanto uma forma de resistência. De fato, este silenciamento não está somente atribuído a elas funcionárias também de certa forma atingem alunas no ambiente escolar. No entanto, isso precisa ser refletido e resinificados, tentando ser rompido nas perspectivas historiográficas tradicionais, buscando mostrar a presença real da mulher na história.

Em relação à questão de gênero, classe e cor o posicionamento dos alunos da Escola Adolfo Bezerra de Menezes (de acordo com a professora Telma de Sousa), variam de sala para sala. Ela diz abordar a questão do dia 8 de março em que ela e outros professores realizam ação pedagógica específica para o “Dia da Mulher”, e assim buscaram contextualizar sobre a luta e representatividade da mulher no meio de trabalho, pedindo para que 3 alunas fizessem considerações sobre o assunto. A professora diz ter percebido um empoderamento destas alunas, e isso fez com que gerasse um debate bastante positivo entre elas e os demais alunos. Ao mesmo tempo viu nos alunos um entendimento e maior aceitação sobre o debate e tratamento da temática de gênero, classe e raça em sala.

Partindo deste aspecto, questionou-se à professora quais mudanças ela consideraria necessárias para o aperfeiçoamento da temática sobre história das mulheres negras no livro didático,

Acima de tudo tem que existir uma ação, ação na atualidade, acredito que essa ação é de mobilização é de união. A partir do momento que nos estejamos unidas em prol de buscarmudanças nessas atitudes na sociedade e nos livros didáticos ai vai ter um resultado positivo, acredito que pra fazer alguma diferença é a união das mulheres negras em prol de perceber atos de enftretamentos de racismo, o movimento negro enfrenta o racismo, onde mexeu com uma mexeu com todas (BARBOSA, T. S. S, 2018).

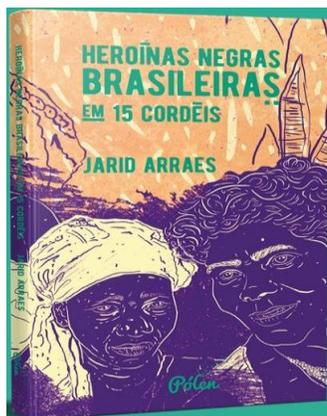
O que Telma destaca é que para além do recorte de gênero, social e o racial devemos nos vigiar mais e ao mesmo tempo se atentar para o modo que História vem sendo ensinado aos nossos alunos e quem na verdade são os verdadeiros protagonistas sociais, e mencionar os negros não somente no período colonial referente à escravidão. Faz-se extremamente necessário retratar com nossos educandos os diversos tipos de luta por resistência e liberdade não só de uma parte, mas por todos. Mulheres heroínas que de certo modo vem sendo silenciada nos livros didáticos, mas que sempre serão vivas no coração de quem sabe de suas trajetórias. A seguir, apresentaremos algumas dessas mulheres negras que sempre estiveram à frente, liderando comunidades e organizações sociais contra as injustiças ao povo negro lançados pela sociedade escravocrata e que não aparecem de forma explícita nos livros didáticos de História do Brasil.

Heroínas Negras: Representatividade Importa

São várias as mulheres negras que fizeram parte da história de resistência e luta dos povos negros afrodescendentes que podem ser evidenciadas na historiografia brasileira. No entanto, o que vemos em livros didáticos são mulheres escravizadas e destinadas a serem subalternas ou coadjuvantes de conjunturas históricas que narram a trajetória do Brasil enquanto nação.

Para finalizar esta abordagem de análise suscitada por este artigo, buscamos discorrer de forma breve trazendo como uma opção paradigmática pedagógica para o professor regente algumas mulheres negras que transformaram sua trajetória de resistência em inspiração de luta para muitas outras. A opção que apresentamos para o leitor enquanto apoio seria como o professor regente de História poderia utilizar da literatura – seja enquanto romancista ou em prosa, para abordar tal temática em sala de aula. A obra de autoria de Jarid Arraes (2017) intitulada “*Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis*” publicado pela editora Pólen aborda de maneira inovadora e lúdica individualmente mulheres negras que usualmente não nos foi apresentada pelos livros didáticos padrões em sala de aula e traz consigo histórias de guerreiras em forma de literaturacordelista com ilustração feita por Gabriela Pires com inspiração feita a partir da técnica de Xilogravura.

Imagem 02: Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis, Jarid Arraes (2017)



Fonte: ARRAES, Jarrid. *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis*. 1. ed. - São Paulo: Pólen, 2017.

É importante ressaltarmos que a escravidão das mulheres negras no Brasil ocorria porque além do Racismo científico disseminado por várias nações europeias, a ideia de inferioridade da raça era por vezes associada ao nível de desenvolvimento social, cultural de seus povos; pelas crenças religiosas que possuíam e pelo fato de muitas comunidades tradicionais não possuírem total domínio da escrita, tornando-os tão distantes em semelhança ao Branco europeu.

Dessa forma as negras eram vistas como selvagens, sem alma por vezes demoníaca, naturalizando a sexualização de seus corpos e colocando-a como subalterna no mercado de trabalho doméstico. Descartava-se toda e qualquer evidência de que a mulher negra poderia ocupar outro espaço a não ser o da cozinha de suas senhoras e senzalas de seus senhores. Tal impedimento, para muitas delas, transformava-se como elemento de motivação para resistir e lutar contra tal elemento patriarcal e opressor, principalmente porque essa característica de luta já advinha dos países de origem em que foram tomadas pela diáspora escravista.

As mulheres negras escravizadas no Brasil contribuíram bastante no processo de luta por emancipação social atuando e motivando seus companheiros. Narrar e descrever tais histórias de luta se faz completamente necessário pedagogicamente falando para o processo de inspiração e representatividade de nossas jovens em sala de aula.

Uma das primeiras Heroínas Negras apresentadas em sua obra, Jarid Arraes (2017, p. 33) nos diz que Aqaltune era uma princesa Africana, filha de um rei do Congo Antigo. Foi uma grande guerreira e estrategista que liderou um exército de 10 mil homens para combater a invasão de seu reino, em 1695. Quando perde a guerra, foi escravizada e trazida ao Brasil, onde foi vendida como escrava e reprodutora. Grávida, Aqaltune haveria organizado uma fuga para Palmares, onde deu a luz a Ganga Zumba e Gana, que mais tarde seriam chefes dos mais importantes mocambos de Palmares, e também Sabrina, mãe do grande líder de Palmares, Zumbi.

Imagem 03: Aqaltune representada no Livro de Jarid Arraes (2017)



Fonte: ARRAES, Jarrid. Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis. 1. ed. - São Paulo: Pólen, 2017. – p. 34-35.

No cordel apresentado pela autora, descreve toda a trajetória histórica de Aqualtune, e ainda nos contempla com os seguintes versos:

“Eu só acho um absurdo
Porque nunca ouvi falar
Na escola ou na Tevê
Nunca vi ninguém contar
Sobre a garra de Aqualtune
E o que pôde conquistar

Uma história como a dela
Deveria ser contada
Em todo livro escolar
Deveria ser lembrada
No teatro e no cinema
Que ela fosse retratada [...]”

Também consideramos um completo absurdo a história de Aqualtune estar ausente dos materiais didáticos, e por isso a importância dos professores regentes levarem tal conhecimento para seus alunos enquanto promoção de temáticas antirracistas em sala de aula.

Como mencionado anteriormente, as reuniões de militância que tive a oportunidade de participar sempre tinham a saudação “Dandara Presente!”, e em uma dessas inquietações de quem seria essa personalidade, tive o grande prazer de descobrir que era esposa de Zumbi e persona de tamanha importância para a consolidação de Palmares enquanto referência Quilombola do período colonial. Um dos principais questionamentos que tive foi de como isso não é de maneira nenhuma mencionada nos materiais didáticos? Demonstrando assim, total silenciamento da trajetória de mulheres negras nos currículos escolares.

Veja a representação de Dandara dos Palmares representada enquanto Heroína Negra no livro de Arraes (2017, p. 54-55):

Imagem 04: Dandara dos Palmares representada no Livro de Jarid Arraes (2017)

DANDARA DOS PALMARES



Fonte: ARRAES, Jarrid. *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis*. 1. ed. - São Paulo: Pólen, 2017. – p. 54-55.

A apresentação e justificativa histórica apresentada pela autora para os leitores é de que Dandara enquanto parceira e companheira do guerreiro Zumbi, teriam tido três filhos. Para a autora, existem poucos dados sobre sua vida, e por isso sua história é cercada de controvérsias. Diz-se que Dandara lutava capoeira e combatia nos diversos ataques à Palmares no século XVII, em Alagoas. A autora ainda apresenta que não há confirmações históricas do seu nascimento – se nasceu no Brasil ou na África. No entanto Dandara sempre teria lutado contra a escravidão e teria participado ativamente da resistência do quilombo.

A importância que o Quilombo de Palmares representa luta e transformação da resistência à escravidão na região de Pernambuco, acredita-se ser possível abordar enquanto temática interseccionada à escravidão o contexto de luta no que se refere à independência da Bahia, que foi um dos mais intensos movimentos contra a dominação Portuguesa no Brasil - iniciada em 1821 e com desfecho no dia 2 de julho de 1823.

Normalmente, no livro didático o contexto em que se aborda a temática de independência Baiana se faz o recorte relacionando a participação de José Pedro de Alcântara, Cipriano Barata e o capitão João Ribeiro Neves, na conjuntura política Baiana.

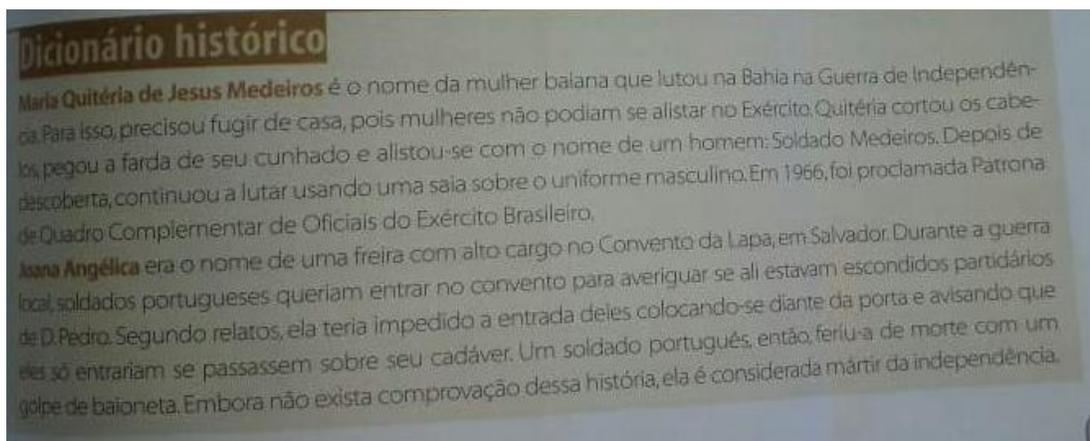
Imagem 05: Guerras por Independência – a Independência Baiana no Livro de Mocellin& Camargo, 2015.



Fonte: Antônio Parreiras, Primeiro Passo para a Independência da Bahia. s.d. Óleo sobre tela, 2,80 x 3,40m. In: MOCELLIN, R. CAMARGO, R. Projeto Apoema História 7º ano. 2. ed. – São Paulo: Editora do Brasil, 2015. p. 179.

A imagem acima é retrata no livro do sétimo ano da coleção analisada na pesquisa, onde observamos nitidamente o quanto a figura masculina é ressaltada e evidenciada para os estudantes e leitores que acompanham o livro didático. Somente no texto do capítulo é que mulheres são evidenciadas aparecendo da seguinte forma: “[...] Duas mulheres se destacaram na participação desses conflitos o que não era muito comum na época: Maria Quitéria de Jesus Medeiros e Joana Angélica.”, e logo abaixo aparece um quadro destacando brevemente quem são essas personalidades históricas, como pode-se conferir abaixo:

Imagem 06: Dicionário Histórico das Revoltas Baianas



Fonte:MOCELLIN, R. CAMARGO, R. Projeto Apoema História 7º ano. 2. ed. – São Paulo: Editora do Brasil, 2015. p. 179.

As mulheres retratadas neste quadro em anexo ao texto do capítulo conferem visibilidade somente a duas mulheres Brancas, e mesmo assim não lhes dando o devido protagonismo. Maria Quitéria de Jesus Medeiros e Joana Angélica são apresentadas no corpo do texto que trata das lutas por Independência na Bahia – em anexo, em um quadro na parte inferior da página, conferindo invisibilidade, faz com que os alunos e alunas não as identifiquem enquanto elemento social importante nesta trajetória específica de luta. Precisando então ser criticado e refletido enquanto documento histórico de análise conjunta em sala.

O que mais me incomodou nesta pesquisa, foi como que deixaram de fora desse contexto a trajetória e ao menos nominar aos alunos quem foi Maria Filipa? De acordo com o Historiador José Livino em seu artigo a revista *Verdade*, (2012) Maria Felipa nasceu escrava, sem identificação de ano, mas depois foi liberta e colocou a liberdade como o valor maior dessa vida. Trabalhou desde cedo no campo e aprendeu a luta da capoeira em forma de defesa. E assim como seus companheiros de luta, Maria Felipa não aceitava a dominação portuguesa.

Ao que se perceber também que Maria Felipa não seguia os padrões impostos pela sociedade e que por ser mulher negra, pobre, e liderar um grupo armado de homens, os olhares da tropa portuguesa se voltavam todos para ela. Pois quando os portugueses se foram em frente para que o Brasil continuasse sendo colônia, ela tomou a frente na luta pela independência.

Para Farias:

Maria Felipa não estava satisfeita com a função de retaguarda. Resolveu partir para o combate. Sabia que uma frota de 42 embarcações se preparava para atacar os lutadores na Capital baiana. Pensou um plano e juntou 40 companheiras para executá-lo. Saíram “vestidas para matar”. Seduziram a maioria dos soldados e seus comandantes e levaram-nos para um lugar ermo. Quando eles, animados, ficaram sem roupa, elas aplicaram-lhes uma surra de cansaço (planta que dá uma terrível sensação de ardor e queimadura na pele); enquanto isso, um grupo incendiava as embarcações. (FARIAS, 2010, p. 37)

Foi então através desse plano de Maria Felipa e a coragem de suas companheiras que obtiveram vitória em cima dos portugueses, sua efetiva participação significou importante trajetória para o processo de libertação da Bahia. Mas que permanece escondido e ignorado no âmbito didático. Felipa foi mulher guerreira, não tinha medo do que estava prestes a vir, enfrentou com garra e resistiu a opressão vinda da guarda portuguesa e lutou pela liberdade de todos.

Nesse contexto, eis que surge uma grande lutadora, evidenciada de maneira mais protagonista enquanto heroína negra na obra de Arraes (2017, p. 97-105)

Imagem 07: Maria Filipa representada no Livro de Jarid Arraes (2017)

* MARIA
* FELIPA *



Fonte: ARRAES, Jarrid. Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis. 1. ed. - São Paulo: Pólen, 2017. – p. 104-105.

Maria Filipa assim como Dandara, e outras companheiras que aqui não foram mencionadas, simplesmente são ignoradas pelos livros didáticos, mas percebe-se que sobrevivem no imaginário popular porque se identificam e são identificadas com as mães e companheiras espalhadas por parte do território nacional.

No livro, Arraes (2017, p. 103) apresenta ao seu leitor que Maria Filipa nasceu na ilha de Itaparica (BA) no começo do século XIX, sendo possivelmente descendente de negros escravizados no Sudão. Vivia como pescadora e marisqueira e participou pela luta por independência da Bahia, na qual liderou duzentas pessoas, entre elas índios e mulheres negras. Nas batalhas contra portugueses que atacavam a ilha, Maria Filipa e seus companheiros queimaram pelo menos quarenta embarcações inimigas. A autora ainda nos diz que Maria Filipa é citada pelos historiadores Ubaldo Osório Pimentel e Xavier Marques em suas obras que apuram registros de pessoas lideradas por ela.

Diferente das duas primeiras personalidades mencionadas, por mais que Maria Filipa não tenha sido escrava durante o Império Brasileiro, sua trajetória– e o fato singular de ter que se transvestir de homem para adentrar ao exército de luta, representa força e glória para outras alunas

se inspirarem em sua força. Toda essa garra é descrita de forma bastante lúdica no Cordel apresentado por Jarid Arraes.

Essas mulheres e entre outras doze estão retratadas no livro de Arraes (2017), onde suas histórias são primeiro apresentada em forma de biografia e depois percorridas por meio de Literatura de Cordel, e que podem ser uma agradável ferramenta pedagógica para ser usado em sala de aula.

A contribuição do livro paradidático na construção de saberes escolares

Todas as Heroínas Negras mencionadas nesta pesquisa, como tantas outras que não tiveram destaques possuem credibilidade para estarem sendo compostas mesmo que transversalmente nos currículos escolares da Educação Básica enquanto ferramenta pedagógica contribuinte para a temática racial em sala de aula.

Como, por exemplo, *Luiza Mahínque* foi uma grande líder importante na Revolta do Malês na Bahia (1835), *Mariana Crioula* que se juntou e liderou os escravos na maior fuga de escravos ocorrida no Rio de Janeiro em 1838. *Maria Aranha* líder do Quilombo de Mola localizado no Tocantins. Essas mulheres que simplesmente são ignoradas pelos livros didáticos, mas que sobrevivem no imaginário popular porque se identificam e são identificadas com as mães e companheiras espalhadas por parte do território nacional.

Conclui-se que estas guerreiras realmente não estão representadas nos livros didáticos – em específico na coleção de MOCELLIN & CAMARGO (2015) que analisamos, porém existem paradidáticos que auxiliam ao professor (a) a desenvolver atividades que levem ao aluno a se inserir no contexto histórico em que está estudando, a reconhecer e a se torna crítico perante ao tema abordado, assegurando seu direito à cidadania e maior representatividade histórica se inserindo enquanto sujeito dela.

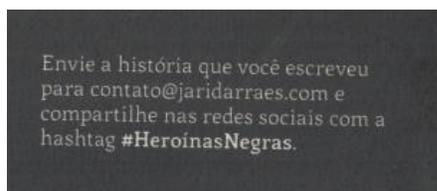
Dessa maneira, tal análise só reafirma que o que a historiografia não supre, a literatura resolve. As crenças populares abraçam, recriam, favorecendo a cultura popular que assim se fortifica. Os contos e lendas que crescem em volta dessas personagens às transformam em mitos, exemplos a serem seguidos. Os textos oficiais não as reconhecem ainda, sendo necessária então

uma maior interseção crítica de gênero e raça aplicada em conteúdo mais específicos na historiografia brasileira.

A leitura paradidática apresenta-se com um objetivo de despertar mais ainda nos alunos a significância da leitura em nossas vidas, o prazer de ler, abordando os meios culturais por meio de uma nova linguagem. Além dos livros didáticos, o paradidático vem como forma de um auxílio no ensino aprendizagem a sua função é de um material complementar e que por muitas vezes abordam temas que não são aprofundados no livro didático, como a REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA e foi pensando nessa importância de estudar sobre as mulheres negras e de ver o livro paradidático como uma boa estratégia educacional, que ao longo desse capítulo abordamos o uso específico da obra da autora Jarid Arraes (2017), que não só deve como poderia fazer-se presente nas salas de aula de história, pois além de se alinhar aos conteúdos de contexto histórico no livro didático, enriquece na elaboração didática e planos de aula elaborado pelo professor(a) quando o assunto é escravidão e resistência do povo negro afrodescendente.

Segundo a autora, a obra tem como objetivo mostrar que não basta conhecer as histórias das mulheres é preciso torná-las acessíveis e fazer com que suas vozes fossem ouvidas. Como elas foram apagadas da História essas grandes heroínas viraram protagonistas, contextualizando a época em que elas viveram, e deixando claro que as mulheres negras tiveram uma trajetória na luta contra a escravidão tão diversas quanto a dos homens. Veja a sugestão que a autora faz no final no livro:

Imagem 08: Sugestão da *Hashtag* #HeroínasNegras no Livro de Jarid Arraes (2017)



Fonte: ARRAES, Jarrid. *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis*. 1. ed. - São Paulo: Pólen, 2017. – p. 137-145.

Pela imagem, percebe-se como que a autora sugere que esses contos temáticos não se prendam somente a essas 15 trajetórias que são descritos na obra. A autora evidencia que é importante narrarmos outras histórias, para fortalecermos e evidenciarmos outras Mulheres Negras. Dessa forma fica mais divertida a leitura e o aluno passa a se questionar e assim tende a se aprofundar mais sobre o tema.

E é aí que tá a importância do paradidático, pois eles são eficientes na área pedagógica sem substituir os didáticos, apenas complementando o que o didático esqueceu (ou não quis) abordar. Usando esses livros como apoio escolar e aprofundando sobre a história das mulheres negras, obtemos contos, e textos que contemplam historicamente e culturalmente a temática estudada para assim garantir os saberes dos alunos.

É inegável que o racismo estrutural ainda persista em nossa sociedade e isso se faz por conta de consequências de uma mentalidade escravocrata, que mesmo, ainda que pareça que não tenha acabado as mulheres negras vêm lutando e deixando suas marcas de alguma forma neste mundo.

Diante a tudo que foi dito, concluo afirmando que várias mulheres negras têm lutado e outras vêm lutando para conquistar visibilidade e representação de qualquer espaço, seja educacional, político econômico, sem servidão ou submissão. E que quando nos dirigimos ao assunto mulheres negras a primeira coisa que temos que refletir é sobre a resistência dessas mulheres. Não só a resistência da crueldade de uma sociedade escravocrata, mas também aos dias atuais, onde mulheres negras têm que lidar com as consequências do racismo, do machismo e do patriarcado, que é gritante em nossas vidas, e que mesmo com tanta burocracia exposta à vida dessas mulheres, elas ainda conseguem resistir. Não podemos, não devemos e jamais iremos esquecer o quanto essas mulheres foram importantes para a formação de uma sociedade livre de todo sofrimento.

Considerações Finais

O livro didático muito pouco aborda sobre as formas de resistência, e muitas vezes propiciam interpretações equivocadas, que acabam deixando a entender que os africanos foram passivos a escravidão, principalmente as mulheres que nunca são citadas como referencial de resistência.

Tendo em vista os aspectos acima mencionados entende-se que a discriminação da mulher negra pelo livro didático é uma realidade, e que quando representada é demonstrada de forma que possa alimentar estereótipos racistas que há anos se mantem deficientes em conteúdo. Pretende-se com esse trabalho, demonstrar a importância de se estudar mulheres negras na educação básica, visando promover a valorização da imagem da mulher negra quebrando estereótipos e mitos históricos, além de focar na formação de uma sociedade em que os sujeitos respeitem e sejam

respeitados nas suas diferenças, anulando então praticas excludentes tão comuns na sociedade. Ou seja, a mulher negra não teve só o papel (escrava) no período escravista como mostra os livros didáticos, mais também heroína, não somente em relação às imagens, mais também na análise de tudo. A literatura didática tem incorporados novos temas e novos objetos sobre a questão dessa mulher como os processos de dominação/resistência, cultura, identidades e representação sociais.

Concluindo, nós, mulheres negras, crescemos sem nos encontrarmos nos livros de história. O machismo racista da sociedade parece nos dizer que não temos o direito de encontrar representatividade e inspiração para rompermos as amarras da discriminação institucional. Quero aqui deixar uma observação de o quanto nós mulheres negras nos empoderamos ao escrever ou pesquisar sobre nossas ancestrais. É instigante deixarmos de ser objeto de pesquisas para passarmos a ser sujeito das nossas próprias pesquisas.

A questão é que a ocupação de todos os espaços que quisermos tem a ver com a representatividade, mas não apenas para sermos números, mas porque, quando uma mulher negra ocupa espaços que não foram ocupados, há um avanço na vida de outras mulheres negras, da população negra e da população como um todo. Muitas sabemos de Dandara e Maria Felipa e outras mulheres negras importantes somente devido a nossas próprias pesquisas solitárias, ávidas por descobrir. E, infelizmente, somos nós as mesmas pessoas que lutam para que essas mulheres não sejam apagadas da história.

FONTES CONSULTADAS

Entrevistas

BARBOSA, Telma de Sousa Santos. Entrevista concedida à LUZ, Andressa Barros da, Araguaína, Junho de 2018.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRAES, Jarid. **Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis**. 1. ed. - São Paulo: Pólen, 2017.
BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso 07 Jun. 2018.

CARMO, José Luís Alves do. **A Lei 10.639/2003 e a imagem do negro no livro didático de história**. Monografia- Universidade federal do Tocantins. 2015.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel. 1990.

FARIAS, EnyKleyde Vasconcelos de. **Maria Felipa de Oliveira: heroína da independência da Bahia**. Salvador: Quarteto, 2010.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e pratica de ensino de história:Experiência reflexões e aprendizados**. Campinas, São Paulo, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **Educação Cidadã, Etnia e Raça: O trato pedagógico da diversidade**. In: CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e Anti-racismo na Educação – Repensando Nossa Escola. São Paulo: Summus, 2001.

LOPES, Nei. **O racismo explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

MESQUITA, N. G.; SCHIAVON, C. G. B. **Análise das representações de negros e negras**. Identidade!: São Leopoldo. v. 18 n. 3, ed. esp. p. 334-344. dez. 2013. | ISSN 2178-0437X.

MIRANDA, Sonia Regina e LUCA, Tania Regina de. **O Livro didático de história: Um panorama a partir da PNLD**. Revista Brasileira de História: São Paulo. v, 24. n. 48, 2004.

MOCELLIN, R. CAMARGO, R. **Projeto Apoema História (6º ao 9º anos)**. 2. ed. – São Paulo: Editora do Brasil, 2015.

PANTOJA, Selma e ROCHA, Maria José. **Rompendo silêncios: História da África nos currículos da educação básica**. Brasília: DP comunicações, 2004.

PERROT, M. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

POSSAMAI, Clarívia Fontana. **A função social da escola, o papel do professor e a relevância do conhecimento científico na pedagogia Histórico-Crítica**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), 2014.

SALIBA, Elias Thomé. Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo das imagens. In: BITTENCOURT, C. M. F. (org.) O Saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1997.

SANTOS, Jocéli Domanski Gomes dos. **A lei 10.639/03 e a importância de sua implementação na educação básica**. Disponível em:

<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1409-8.pdf>>. Acesso em: 8 junho 2018.

SILVA, Maria da Penha. **Mulheres Negras: Sua participação histórica na sociedade escravista.** Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v.1, n.1, 2010.